

Remix Ensemble

Casa da Música

Martin André direcção musical

Stephanie Wagner flauta

Worten Digitópia electrónica e projecção

Francisco Moura concepção do dispositivo audiovisual

15 Fev 2022 · 19:30 Sala Suggia

INVICTA.MÚSICA.FILMES



casa da música

MECENAS WORDEN DIGITÓPIA

worten



Maestro Martin André sobre o programa do concerto.
VIMEO.COM/677175968

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Philippe Manoury

Jupiter, para flauta e electrónica em tempo real* (1986, rev.1992; c.30min)

PAUSA TÉCNICA

Gustav Holst (arr. George Morton)

Os Planetas, op. 32 (1917/2015; c.50min)

1. Marte, o portador da guerra
2. Vénus, o portador da paz
3. Mercúrio, o mensageiro alado
4. Júpiter, o portador da alegria
5. Saturno, o portador da velhice
6. Urano, o mago
7. Neptuno, o místico

*Concepção científica: Miller Puckette; Assistentes musicais: Marc Battier e Cort Lippe

Philippe Manoury

TULLE, 19 DE JUNHO DE 1952

***Jupiter*, para flauta e electrónica em tempo real**

Quando, em 1986, iniciei a composição de *Jupiter*, não tinha praticamente modelos em que me basear. Os sistemas de interacção em tempo real entre os instrumentos tradicionais e os sintetizadores eram ainda balbuciantes. As primeiras experiências ocorreram no início dos anos 80, por Barry Vercoe e Lawrence Beauregard, que tiveram a ideia de conectar a flauta à máquina 4X.¹ Desse modo, era possível imaginar o acompanhamento da execução instrumental por uma máquina, em tempo real, libertando assim o intérprete dos constrangimentos de um tempo congelado e imutável tal como aquele que resulta da música para fita magnética. Foi finalmente determinante a vinda de Miller Puckette para o IRCAM, em 1984, com a invenção do “score following” [programa que segue o instrumentista em tempo real, ajustando os efeitos e os sons manipulados ao seu próprio ritmo] e a configuração de todo o ambiente informático necessário para a realização desta obra.

A primeira vitória foi, portanto, no que respeita ao tempo. O estímulo que daí obtive fez-me decidir estender a ideia a outros elementos, encontrando uma forma de fazer com que a flauta pudesse, ela própria, gerar uma grande parte da síntese sonora. Seguindo um princípio

que me é caro, segundo o qual, em todas as obras mistas, o instrumento principal deve ser o centro de referência de todo o ambiente sonoro, elaborei diversas técnicas que permitiam deduzir as estruturas sonoras a partir da flauta — desde transformações ou derivações a partir do próprio som do instrumento até ao controlo da evolução dos sons sintéticos por uma análise do estilo de execução do solista. Estes princípios, a que depois chamei “partituras virtuais”, permitem uma conexão interactiva entre o instrumento e a música emitida pelos altifalantes. Dito de outra forma, a qualidade dos sons produzidos electronicamente é, em parte, função da forma como o solista interpreta a sua parte. Não se trata, em caso algum, de improvisação, já que toda a partitura está rigorosamente notada, mas sim de analisar a componente de liberdade que está na própria base da interpretação.

A partitura conheceu numerosas versões. Por ocasião da sua estreia, em 1987, por Pierre-André Valade (que foi um participante muito activo nas primeiras experiências), *Jupiter* tinha uma duração total de mais de quarenta minutos. Uma versão “curta” de vinte minutos foi igualmente composta para o efeito de uma transmissão vídeo. Ao transferir-se os programas da máquina 4X para a Estação de Informática Musical do IRCAM, foi elaborada uma terceira versão com a duração de cerca de trinta minutos, mas sem alterar o conteúdo sonoro da obra. Só mais tarde, em Novembro de 1996, decidi fixar a versão definitiva modificando substancialmente o conteúdo dos programas de síntese — operação que pode comparar-se a uma reorquestração.

A música electrónica em tempo real, pelo menos aquela que é organizada desde a sua concepção (*Jupiter* é, desse ponto de vista, a primeira peça do género), tem ainda algumas

1 *O sistema 4X, concebido no IRCAM por Giuseppe di Giugno nos anos 80, foi o primeiro sistema informático em tempo real verdadeiramente poderoso. Nos anos 90, foi substituído pela Estação de Informática Musical preparada pela equipa de Eric Lindemann no IRCAM.

dificuldades em abrir um caminho que se poderá imaginar mais desenvolvido. É certo que as limitações tecnológicas eram ali maiores do que em qualquer outra obra da actualidade, tal como o tempo necessário para a preparação e configuração é mais longo do que o normal. Porém, apesar da década decorrida desde a data de criação desta obra, em que escassas experiências nesta direcção tinham visto a luz do dia, continuo convencido de que se trata da mais consequente mudança substancial a que a música electrónica foi submetida, uma vez que, introduzindo-lhe o aspecto interpretativo, são os próprios fundamentos da composição que são colocados em causa.

PHILIPPE MANOURY, 1997

Tradução: Fernando P. Lima

Gustav Holst

CHELTHENHAM, 21 DE SETEMBRO DE 1874

LONDRES, 25 DE MAIO DE 1934

Os Planetas, op. 32

Gustavus Theodorus von Holst (1874-1934) nasceu numa família musical de ascendência sueca e letã. (Devido ao sentimento antigermânico durante a Guerra de 1914-18, acabou por mudar o seu nome para o mais inglês Gustav Holst.) De uma antiga amizade com o compositor Vaughan Williams, no Royal College of Music, surgiu a paixão pelas canções folclóricas e pela tradição coral que viria a implementar em dois importantes cargos no ensino em Londres. Essas directorias, cargos que manteve até ao fim da sua vida activa, deram-lhe a segurança e os recursos para escrever outras obras-primas como *St. Paul's Suite* (1913) e *The Hymn of Jesus* (1920).

A resposta de Holst às tensões e à mudança de valores da sociedade que o rodeava foi reconhecidamente de distanciamento. A sua saúde precária inibiu-o de se envolver activamente na Grande Guerra (pelo menos até 1916, quando foi enviado para dar aulas de música aos soldados) e permitiu-lhe continuar o seu trabalho de composição absorto no estímulo criativo que já tinha descoberto. Tinha desenvolvido por alguns anos um entusiasmo apaixonado pela astrologia, como amador, estudando o livro *What is a Horoscope? (O que é um Horóscopo?)* de Alan Leo e deleitando-se a fazer profecias sobre o futuro dos seus amigos. Tal como o próprio sublinhou: interessava-se por qualquer coisa que lhe sugerisse ideias musicais ou lhe trouxesse inspiração! Desse mesmo livro saíram também os títulos astrológicos dos andamentos, resultando numa suite de sete andamentos: “Marte, o portador

da guerra”; “Vénus, o portador da paz”; “Mercúrio, o mensageiro alado”; “Júpiter, o portador da alegria”; “Saturno, o portador da velhice”; “Urano, o mago”; “Neptuno, o místico”.

Não há dúvidas de que esta ‘humanização’ do mundo celeste apelava fortemente à imaginação de Holst, tal como sucedeu com o seu interesse apaixonado pelo misticismo e pela religião hindu, que o levou a estudar a língua sânscrita e a traduzir vários textos para composições importantes, incluindo duas óperas. Finalmente e mais surpreendentemente, tendo em conta a sua anterior rejeição dos novos movimentos musicais da Europa Central, refira-se a sua profunda admiração pelas *Cinco peças para orquestra* de Arnold Schoenberg, que ouviu pela primeira vez em Londres, no ano de 1914. O uso selvagem e serrilhado dos instrumentos de sopro, juntamente com inúmeras semelhanças temáticas, parece ter encorajado Holst a tentar o trabalho sinfónico em grande escala que até então tinha evitado. Curiosamente, o trauma psicológico na escrita de Schoenberg não está presente nos *Planetas*, e uma das razões para o sucesso estrondoso da suite é a mistura de uma linguagem harmónica avançada, muitas vezes cromática, com o próprio sentido inspirado do místico e da beleza religiosa de Holst. Ao orquestrar a suite para as mesmas forças magníficas (que além das madeiras triplicadas inclui um oboé baixo, o uso de um órgão e dois coros femininos que cantam fora do palco no andamento “Neptuno”), foi capaz de evocar a linguagem musical do espaço e a nossa relação humana com o sistema solar.

JONATHAN AYERST, 2009

Tradução: Joaquim Ferreira

Martin André direcção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. É co-fundador e director do Islington Festival of Music and Art, que teve a sua primeira edição em Julho deste ano.

Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, Martin André prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Em breve completará 40 anos de carreira a dirigir óperas e concertos em cerca de 30 países diferentes.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que trabalhou com todas as principais companhias de ópera britânicas, dirigindo obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House) e as estreias britânicas de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulos Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart e Janáček (Ópera Escocesa), Prokofieff, e ainda a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. Com a Opera North, dirigiu produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi.

Em 1986, começou a dirigir óperas nos palcos internacionais, realizando a estreia norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček com a Ópera de Vancouver. Fez a sua estreia nos Estados Unidos da América a dirigir *Carmen* na Ópera de Seattle. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

O seu repertório sinfónico é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Tem desenvolvido relações particularmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Holanda), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Collegium Musicum Bergen (Noruega) e a Orquestra Clássica da Madeira. Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Holanda, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi director artístico do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Como tal, foi director executivo de duas das maiores instituições musicais portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Para além das funções executivas, dirigiu várias produções, entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o bicentenário de Verdi, em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais.

Mantém uma relação estreita com Portugal, dirigindo frequentemente orquestras no Porto e no Funchal.

Stephanie Wagner flauta

Stephanie Wagner é, desde 2004, solista do Remix Ensemble Casa da Música. Com este agrupamento tocou estreias mundiais de mais de 50 compositores nacionais e estrangeiros em salas como a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Konzertverein de Viena e a Tonhalle de Zurique. Apresentou-se como solista em Portugal e pela Europa em obras como *...explosante, fixe...* e *Mémorial* de Pierre Boulez, *Abyss* de Franco Donatoni e *Tempi concertati* de Luciano Berio. Também como solista, participou nos festivais de Salzburgo (Áustria), de Tanglewood (EUA) e “Serate Mozartiane” (Itália). Estudou no New England Conservatory (Boston) e na Hochschule für Musik und Theater de Munique (*Meisterklasse*). Participou em masterclasses com K. Zöller, B. Fromanger, Doriot Dwyer e J. C. Gérard, entre outros.

Trabalhou em orquestras como a Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Boston, o Ensemble Recherche e as Sinfónicas de Nuremberga e Munique. Gravou para a Rádio da Baviera, a WGBH em Boston e os estúdios MODE Records (Nova Iorque). Foi bolseira da “Villa Musica” 1999 até 2003. Em 2015 foi-lhe atribuído o Título de Especialista com louvor, por unanimidade do júri, na ESMAE (Porto). É fundadora da Academia de Flauta de Verão e do Ensemble Eólia. Leccionou na ESMAE, na ESART (Castelo Branco), na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e na Universidade de Aveiro. É convidada regularmente para integrar júris de concursos nacionais e internacionais e dá masterclasses em Portugal e no estrangeiro.

Desde 2018, é professora certificada de Relaxamento Muscular Progressivo pela Tao Health (Berlim). Orienta cursos de introdução e dá aulas deste método de relaxamento, aplicando-o também no seu ensino da flauta.

Worten Digitópia electrónica

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble apresentou, em estreia absoluta, mais de 90 obras e foi dirigido por alguns dos maestros mais relevantes da cena internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Baldur Brönnimann, Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o primeiro maestro titular do Remix Ensemble.

No plano internacional, o Remix Ensemble apresentou-se nas mais prestigiadas salas e festivais europeus como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência, Ourense, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM – Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi a primeira orquestra portuguesa a apresentar-se na Elbphilharmonie de Hamburgo, a 22 de Setembro de 2020.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez ainda as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon (Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e

Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken e inúmeras obras de compositores portugueses de várias gerações.

A temporada de 2022 inicia-se com um programa partilhado com o Ensemble intercontemporain, que inclui a estreia mundial de uma encomenda a Hèctor Parra e é apresentado em concertos no Porto e na Philharmonie de Paris. Outras estreias a assinalar são as de obras encomendadas a Rebecca Saunders, Justé Janulyté e Erkki-Sven Tüür, incluindo concertos partilhados com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e a Orquestra Jazz de Matosinhos.

O Remix tem dezoito discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuk Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A prestigiada revista londrina de crítica musical Gramophone incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e pela Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno
Ashot Sarkissjan

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

Jorge Castro

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

Filipa Vinhas

Clarinete

Victor J. Pereira

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Diogo Andrade

Percussão

Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst

Electrónica e Projecção

Óscar Rodrigues
(Worten Digitópia)

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

